

14-07-2022

BRAULINA BANIWA**Damiana Pereira de Sousa**

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Nos últimos dias havia uma sombra sobre mim. A dor e a descrença se apoderaram do meu corpo e da minha alma. Mortes e mais mortes. Mortes indígenas e daqueles que defendem e protegem os povos indígenas. Os corpos-territórios indígenas são alvos, fato! Porém, não, não vou desanimar. Não posso! E não quero! Estudar e conhecer mais mulheres indígenas me fortalece. Tive a honra de ler um texto de mais uma guerreira. Curso, atualmente, a disciplina *Espaço, cultura e diferença* no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG), ministrada por Alex Ratts. Na segunda aula o professor solicitou que eu lesse e apresentasse o texto *Ser mulher na roça de brancos: a vivência indígena*, de Braulina Baniwa, da coletânea *Vivências diversas: uma coletânea de indígenas mulheres* (2020). Braulina Baniwa, mulher, indígena, pesquisadora e estudante do povo Baniwa. Bacharela em antropologia, mestranda em Antropologia Social, ex-presidente da associação *Acadêmicos Indígenas* na Universidade de Brasília. Ativista do movimento Indígena, atuante na questões de Gênero e sexualidade indígena e de racismo institucional e violência contra a mulher. Além disso, atua nas discussões sobre invisibilidade de estudantes indígenas nas universidades, com o objetivo de estimular esses debates dentro dessas instituições. Roteirista de documentários indígenas e lutadora incansável pelo protagonismo de indígenas nos lugares de fala. Atua como integrante da *Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos* (Abia) e da *Articulação Nacional de Mulheres Guerreiras da Ancestralidade* (Anmiga).

É o corpo-território em trânsito fazendo a diferença. É Medzeniako, Baniwa é o termo utilizado pelos não indígenas. Irmã caçula de oito irmãos, neta de Amaro (avó de todas as mulheres medzeniakonai), nasceu na margem esquerda do rio Negro/Amazonas. O mar de sua história nos enche de força. Ela é resistência e rebeldia, rompendo fronteiras e barreiras entre territórios tradicionais e urbanos. Mulher, mãe, que, cotidianamente, enfrenta dificuldades impostas e colocadas. Mas que incentiva e encoraja parentas a buscar formação, acessar os espaços acadêmicos e romper com a ideia de provedoras culturais e sociais nas aldeias. Os Baniwa fazem parte dos 23 povos existentes no rio Negro.

Há três línguas indígenas reconhecidas como cooficiais por lei municipal e uma delas é a língua Baniwa. *Hipamaaalhe Ihia Noipitana Noakoliko* (nome de Braulina em sua língua) teve sua infância, criação e formação no território de seu pai, na comunidade Komalipani (*tucumã rapitá*), no rio Içana, afluente do rio Negro, vivendo entre a escola e a roça.

Na escola, antes da aula, Braulina e seus colegas tinham que fazer oração, orientação recebida desde cedo. No mundo de Braulina, não há idade certa para fazer determinadas coisas, como carregar água, tirar lenha do mato, fazer comida e cuidar da casa. A escola era prioridade, mas não para todas as crianças, pois muitas não sabem ler e nem escrever.

Quando Braulina tinha 13 anos migrou para a cidade para continuar seus estudos, momento em que sentiu o racismo e a discriminação lhe queimar como um espeto quente. Não saber o português foi um grande problema.

Teve que trabalhar em diversos cargos para se manter na cidade longe dos pais e continuar estudando. Estudante trabalhadora. Ficou 8 anos no município de São Gabriel da Cachoeira, auge dos conflitos entre garimpeiros e os Baniwa. Ativa no movimento indígena aprendeu sobre tecnologias e melhorou o português. Seu pai, irmãos e primos são pioneiros em levar e criar organizações indígenas na região, sendo assim, cresceu participando desses processos. Atuou na criação da Fundação Indígena do Estado do Amazonas e da reestruturação da FUNAI regional de Manaus, onde indígenas puderam indicar coordenadores. Essas são atividades entre tantas outras desenvolvidas por Braulina dentro do movimento indígena. Na universidade teve que lidar com cargas extensas de leitura e o racismo contra povos indígenas, que estava no auge nesses ambientes.

Discriminação por ser mãe na sala de aula. Pressuposição dos docentes de que, sendo indígena, deveria conhecer toda a diversidade de todos os povos indígenas. Parece ser mais uma tentativa de racialização e homogeneização da diversidade étnica existente no Brasil. Braulina expõe o despreparo das universidades brasileiras em lidar com as mães acadêmicas, a falta de auxílio e o racismo institucional direcionado para mulheres indígenas nesses espaços. Os julgamentos escancarados em questionamentos do tipo “por que é mãe tão nova?” “Por que está na universidade sendo mãe?”

Ora, mães não podem estudar? É crime ser mãe por acaso? No entanto, passar por todas essas situações a fortaleceu e hoje segue na luta pelos direitos das mulheres indígenas e dos povos indígenas no geral.

Para além de estar presente no espaço acadêmico, rompe com a história de ser sujeita da oralidade, agora escreve e domina ferramentas, delimitando na memória escrita, sua vivência, sua ciência, seus conhecimentos.

Ser mulher indígena fora de seu território é correr riscos, mas também um ato político de resistência. A trajetória de Braulina é marcada pela infância na comunidade, pela passagem nas escolas indígenas e pelo movimento indígena. E agora na universidade e na política estudantil, buscando superar obstáculos e colher mais e mais conquistas para seu povo.

E continua firme e forte, assim como outras mulheres indígenas, portavozes de muitas outras mulheres, visibilizando ciências indígenas pelas mais diversas vozes. É preciso que mais mulheres indígenas ocupem os espaços que lhes são negados, ocupem seus lugares de fala e possam viver.

VIVER!

“É no transitar entre os dois lugares que fortalecemos nossa indianidade, pois aprendemos a sobreviver entre a violência e a força espiritual que está em nós, somos a totalidade de um povo, mas somos mulheres, somos a continuação e a força de um povo”.

Braulina Baniwa*“A nossa voz precisa ecoar pelo mundo!”***Sônia Guajajara**

■■■

Referência

Baniwa, Braulina. *Ser mulher na roça de brancos: a vivência indígena*. In: Baniwa, Braulina; Kaingang, Jozileia; Tremembé, Lucinha. (Org.) *Vivências diversas: uma coletânea de indígenas mulheres*. São Paulo, Hucitec, 2020, p. 107-117. [impresso]

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.